



ABJEÇÃO E EROTISMO EM “A CÉU ABERTO”, DE JOÃO GILBERTO NOLL

GABRIEL DIAS MORALES¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹*Universidade Federal de Pelotas – tec.gabrielmoraes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – alfeu.spareemberger@outlook.com*

1. INTRODUÇÃO

O sentimento de pertencimento identitário emerge, na pós-modernidade, como tema de grande importância; afinal, o esvaziamento simbólico das instituições sociais que proviam identidades ao ser, com padrões a serem seguidos, leva o indivíduo a uma errância identitária, impondo um estado transitório entre ser e não-ser (FOUCAULT, 2014; HAN, 2017; BAUMAN, 2021). Demarca-se, assim, que a percepção pós-moderna de identidade é aquela sem contorno ou forma definida, instável, não unificada e em constante mudança (HALL, 2020).

Em um mundo não-nítido e fluído, os olhos buscam uma espécie de materialidade, um objeto sólido para se segurar. Nesse processo, o que parece tangível o suficiente passa a ser a natureza de nossas necessidades e desejos corporais. O corpo transfigura-se em contornos nítidos na opacidade pós-moderna, uma referência que ancora a identidade (LOURO, 2000). Na pós-modernidade, desse modo, há uma “preocupação furiosa, obsessiva, febril e excessiva com a defesa do corpo” (BAUMAN, 2021, p. 229). O pós-modernismo é, de fato, “obcecado” pelo corpo (EAGLETON, 2005), à medida que o enfoca a partir dos estudos culturais.

O corpo passa a ser encarado como uma construção cultural, intermediado discursivamente, sendo significado e significante; é por intermédio da linguagem e do discurso que ele se materializa (GROSZ, 2015). Por si só, não há corpo anterior à significação, isto é, um corpo desprovido do social e da cultura. A percepção do eu e a materialização do corpo já é impregnada de discurso e, por consequência, de concepções e normas sociais de constituição identitária (BUTLER, 2003). Ele é, assim, uma materialização das simbologias sociais refletoras das ideologias que permeiam e formam a organização social. Nesse sentido, corpo é a reprodução social na mesma medida que o contrário: sua fragmentação em conteúdo ideológico e representativo denota uma sociedade fluída (FRANK, 1991).

Nesse contexto, Julia Kristeva procurou trabalhar a constituição das categorias de “eu” e “outro” sob uma ótica de objetivação mediada pelas interpelações ideológicas. Ela reflete acerca da formação da subjetividade do “eu” a partir de sua percepção e relação com o “outro”. A partir disso, ela postulou a categoria de abjeção, que lida diretamente com o corpo e suas excreções. A abjeção faz referência “ao sentimento de repúdio causado pela transgressão de fronteiras, sejam elas morais, linguísticas, políticas, psíquicas ou corporais” (LECHTE, 1990 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 189). Na ordem da constituição de subjetividade, Kristeva (1982) atenta para o estabelecimento das fronteiras entre o “eu” e o “outro”. A abjeção, em tal caso, diz respeito à expulsão dos resquícios do outro no eu, construindo os limites do eu e, por consequência, a sujeição. Ela exemplifica sua teoria por meio da abjeção de fluidos corporais, como fezes, vômito, excrementos, que figuram como objetos ojerizáveis, bem como a imagem de um cadáver, que serve de repugnância e medo da linha tênue que separa a vida da morte.

Esse conceito é ampliado por Butler (2000; 2003) para o de “abjeção social”, no que diz respeito à disposição de “seres abjetos” no processo de exclusão que

faz parte da constituição de sujeitos em sociedade. A autora afirma que a organização social se estrutura a partir de normas que assujeitam seres; aquele que não segue tais normas, converte-se em um ser “poluidor”, isto é, que “fica fora dos limites impostos pelas comunidade e se torna ‘sujo’, ‘impuro’ e ‘poluidor’ porque está fora de lugar e, portanto, causa confusão e perturbação na ordem social” (DOUGLAS *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 194). Estes seres não são vistos como sujeitos e vivem em “zonas inóspitas” da vida social, sendo objetos de violência; não possuem voz, muito menos controle sobre suas existências. A autora atrela esse conceito às existências minoritárias na sociedade. Demarca-se, portanto, que a abjeção se inscreve no cerne da ordem social, servindo como um dos alicerces para a sua manutenção, visto que se serve da normalização de padrões e regulamentos sociais que regem as existências socioculturais. Isso está em consonância com o que é exposto por Tayler (2009 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 190): “a abjeção tem efeitos em corpos reais; a abjeção dói”.

Ainda quanto ao tópico da constituição identitária, atrela-se a abjeção ao erotismo de Bataille, à medida que ambos os conceitos lidam com a transgressão de normas sociais. Bataille (2021) argumenta que, ao desafiar as normas sociais e culturais em relação ao sexo e ao desejo, o indivíduo está se distanciando da identidade que é imposta pela sociedade. Essa transgressão é uma forma de afirmar a individualidade e a singularidade e, por si só, constituir-se identitariamente. No entanto, o ser, de certo modo, abjeta-se e se torna vulnerável ao ato erótico do Outro, como forma de violência. Esse fato causa a imposição de identidades e modos de subjetividade, que retorna à abjeção definida por Kristeva (1982) e a abjeção social estudada por Butler (2000; 2003).

Diversas obras literárias tomaram para si a tarefa de representar as crises identitárias que perpassam o período pós-moderno, atrelando a abjeção com o erotismo. Uma delas é *A céu aberto* (1996), de João Gilberto Noll. Nela, em que a história de um protagonista não-nomeado, sem características próprias e, de certa forma, alheio a sua própria identidade, empreende uma jornada em busca de seu pai para restaurar a saúde de seu irmão. A procura os leva ao front de batalha de uma guerra incerta, contra um país não-dito, na qual o pai tem um papel de general. A partir disso, o protagonista se encontra em uma espiral de dissolução identitária, à medida que atravessa por diversos cenários e situações que o fragmentam identitariamente, em vista de que, em um certo ponto, perde a sua principal ancoragem identitária: seu irmão. Durante todo romance, o protagonista desempenha identidades impostas pelo Outro (ou pela percepção do eu sobre ele) de modo a adquirir um sentimento de pertencimento. O intuito deste trabalho, portanto, é apontar a abjeção presente no romance, bem como suas implicações para os atos eróticos que intercorrem à existência do protagonista.

2. METODOLOGIA

Este resumo expandido advém de uma pesquisa mais ampla: uma dissertação de mestrado em andamento, que lida com a averiguação e análise dos usos das figuras “corpo”, “espaço” e “tempo” para representar crises identitárias pós-modernas em dois romances, o deste resumo, e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera. Sendo assim, este trabalho configura-se num breve recorte de uma discussão mais ampla. Para a sua confecção, realiza-se uma análise bibliográfica da fortuna crítica do romance escolhido e do autor no cenário da literatura brasileira contemporânea, bem como de teorizações referentes ao pós-modernismo, corpo, abjeção e erotismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *A céu aberto* (1996) há uma notável atração pela impureza ao longo do texto, em que persiste a ênfase do orgânico, sobretudo na representação das excreções corporais, como a merda, o vômito e o esperma, e do genital, especialmente o cu e o pênis. A linguagem de Noll demarca o desejo erótico exacerbado dos personagens, que se aliam às descrições das excreções. Este tipo de construção estética e narrativa é proposital, com o intuito de enfatizar a fragmentação identitária do protagonista – um corpo abjeto – perante às imposições do Outro ao longo do romance.

Logo no início do romance, ao introduzir o protagonista e seu irmão – sua principal ancoragem identitária –, demarcam-se suas situações abjetas: ambos vivem em situação de miséria, sob condição de pedintes morando em galpões abandonados, sem comida ou medicamentos, com situação de saúde comprometida. Ao entrarem em contato com outros personagens, ora são ignorados ou rechaçados por sua miséria, ora são feitos de objetos, para prazer sexual. Não são vistos como sujeitos pelo Outro, mas sim formas ocas para seu preenchimento. Essa situação de abjeção também está inscrita no âmbito psicológico do protagonista, que acredita não ser nada além do que o Outro ditar. Isso é demarcado, por exemplo, quando o protagonista chega ao acampamento militar de seu pai e pensa em ingressar na guerra como soldado:

Que exército iria querer incluir em suas fileiras um homem como eu?, alguém que não sabia bem a idade e que dava a atenção a poucas coisas além do encaminhamento do irmão, que no mais ficava à toa, sem planos para o futuro, às vezes com acentuada amnésia, em certas ocasiões com vontade de morrer, em outras com uma alegria tão insana a ponto de chorar de dor, então... sendo um homem escandalosamente desimpedido das urgências do mundo, quem iria me convocar para a guerra onde cada um deve dissolver seu andamento próprio em nome da faina de vencer... (NOLL, 1996, p. 39).

Dante de sua situação abjeta, o protagonista é perpassado por situações de violência sexual, na qual o Outro se influi no eu através do ato erótico. De acordo com Bataille (2021), o ato erótico se configura na dissolução da constituição de um ser em outro; perde-se o eu em meio à conexão erótica, quando os dois seres viram uma amalgama de sujeições, uma devorando a outra. Em outras palavras, no ato erótico, um indivíduo se dispõe de sua identidade de modo a mergulhar na de seu parceiro, dissolvendo-se. Trata-se de uma dissolução consentida, na qual o eu abraça o outro. Num contexto de abjeção, no entanto, o eu não se dissolve – muito pelo contrário, ele é ignorado e excluído, deixando apenas o Outro não ser, em uma violência sexual-identitária. Nesse mesmo contexto do acampamento militar, por exemplo, logo antes do protagonista ingressar no exército como soldado, ele é violentado por um dos generais. Em meio a descrição do ato sexual violento, e das excreções que saem do protagonista diante dele (sangue, esperma, merda, saliva), o Outro se impõe ao eu abjeto, impondo-lhe uma identidade subalterna, sendo, neste caso, a de soldado, uma posição hierárquica menor que a dele e, por consequência, apta a ser explorada e controlada.

Noll emprega, com astúcia, a descrição das excreções para representar a inconformidade do eu perante a ação do Outro em si, visto que “a abjeção seria antes de tudo um sentimento de náusea, de repulsa e de desgosto causado pelo enfrentamento do indivíduo com aquilo que vive na fronteira entre o ‘eu’ e o ‘outro’, emanado do sentido das pessoas de ordem biológica, social ou espiritual” (OLIVEIRA, 2020, p. 192). Por isso há o excesso de cenas na qual o protagonista excreta compulsivamente, seja suando, vomitando, urinando, cagando, se

masturbando e “esporreando”; servem para representar essa abjeção do eu perante a violência do outro, que o faz desejar a morte:

[...] e eu fiquei ali ajoelhado no barro apalpando a minha mente moída de onde não era mais eliminado o que chamam de pensamento mas só um líquido sujo com o cheiro embutido do arroto... ai, cansei, eu disse vomitando: eu quero é voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído, eu quero é me apagar... (NOLL, 1996, p. 43).

Nesses contextos permeados pelo sexo, Noll atenta para atos em que o protagonista, na maioria das vezes, não possui desejo erótico real, apenas a sua ilusão, à medida que o personagem se envolve em situações eróticas com o único intuito de se preencher pelo ‘outro’, de se constituir identitariamente devido a sua categoria abjeta. Sua excessividade representa somente o desespero do narrador por uma identidade e um pertencimento, visto que cada ato o destrói um pouco.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que os conceitos de abjeção e erotismo funcionam conjuntamente em *A céu aberto*, de modo a enfatizar a fragmentação identitária do protagonista e o seu desejo por um pertencimento identitário. Com esse romance, João Gilberto Noll explora os limites do corpo na expressão identitária de um ser abjeto, desesperado para ser alguém.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- FRANK, Arthur W. For a sociology of the body: An analytical review. In: **The body: Social process and cultural theory**, v. 1, n. 4, 1991, p. 36-102.
- GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. In: **Cadernos Pagu**, [S. I.], n. 14, 2015, p. 45-86.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- KRISTEVA, Julia. **Powers of Horrors: An Essay on Abjection**. Tradução Leon S. Roudiez. Nova Iorque: Columbia University Press, 1982.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- NOLL, João Gilberto. **A Céu Aberto**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- OLIVEIRA, Manoel Rufino David de. O conceito de abjeção em Julia Kristeva. In: **Revista Seara Filosófica**, n. 21, 2020, p. 185-201.